

NARRADORES DO CARIRI: OLHARES CONTEMPORÂNEOS E AS REINVENÇÕES DE UM LUGAR INCOMUM¹

Sônia Meneses², Pryscylla Cordeiro³

Resumo

Este artigo pretende abordar, de forma introdutória, as apropriações e narrativas produzidas sobre o Cariri a partir das várias demandas do contemporâneo e que colocam em evidência novas produções midiáticas e espaços virtuais de configuração. Pretende refletir sobre quem são os novos narradores e de que maneira compartilham relatos, mitos, imagens, não como repertórios embalsamados, mas realizando operações de reinterpretação tanto sobre o espaço em que transitam como sobre o legado cultural com o qual se depararam ao longo do século XX.

Palavras Chave: Cariri, Contemporaneidade, Narrativa, Processos Culturais

NARRATORS OF CARIRI: CONTEMPORARY VIEWS AND THE REINVENTIONS OF A UNSUAL PLACE

Abstract

This article intends to approach, in an introductory way, appropriations and narratives produced on the Cariri from the various demands of the contemporary and which show new media productions and virtual configuration spaces. Want to reflect on who are the new narrators and how they share stories, myths, images, not as embalmed repertoires, but performing operations on both the reinterpretation space that circulate as on the cultural legacy with which faced throughout the century XX.

Keywords: Cariri, Contemporary, Narrative, Cultural Processes

Introdução

Nomes, nomes, centenas de nomes que flutuam ao sabor da memória, como estrelas no céu. Se nas grandes constelações, apenas algumas estrelas são identificadas e nomeadas, milhões de outras estrelas anônimas não deixam de brilhar e de fazer mais belo o mundo. (...). A esses homens e mulheres eu devo a minha arte mais profunda - o sonho. Devo também o nome pelo o qual eu me anuncio ao mundo: Cariri. (Rosemberg Cariry – diário do nordeste, 31 de Nov. de 2008)

Quantos “cariris” cabem no espaço hoje conhecido pelo mesmo nome? Quantos nomes, vozes e histórias ajudaram e ajudam a construí-lo como lugar incomum e plural para tantas gerações de intelectuais, artistas, políticos e religiosos? Cariri, espaço simbólico, monumentalizado em narrativas, cantado e poetizado por homens

¹ Projeto financiado pelo CNPQ.

² Docente da Universidade Regional do Cariri-URCA, Doutora em História pela UFF. Realiza pesquisas no campo da teoria da história, história do tempo presente, história, mídia e contemporaneidades.

³ Graduanda em História pela URCA, bolsista do CNPQ no projeto: *Narradores do cariri: processos culturais e contemporaneidade - as reinvenções de um lugar incomum*

como José Bernardo da Silva, Patativa do Assaré, Manoel Caboclo; esculpido em formas belas e estranhas como as da escola de artistas populares inaugurada por Noza, Ciça do Barro Cru, Nino e tantos outros que se destacaram ao longo do século XX; xilogravado por Stênio Diniz, José Lourenço, Nilo, dentre outros.

Tantas cores, palavras e nuances que, encontrar uma síntese de definição tem sido tarefa complexa a qual muitos dedicaram a vida, a exemplo de alguns de seus narradores mais tradicionais tais como João Brígido dos Santos, João Marrocos Teles, José Martiniano de Alencar, Padre Antonio Gomes de Araújo, Irineu Pinheiro, José de Figueiredo Filho, Napoleão Tavares, Sérvulo Esmeraldo e José Newton Alves de Sousa, dentre vários. Nomes que compõem gerações de narradores que auxiliaram na construção do que hoje é denominado o Cariri cearense.

Nas palavras de Irineu Pinheiro este lugar era “uma zona à parte no interior do nordeste” (1950/2010, 7), corroborando com suas palavras, José de Figueiredo Filho afirmava que “a diferença entre a sua natureza e a da circunvizinhança é bem flagrante. Daí o filho do Cariri, apesar de bem interiorano, sentir que sua região é inteiramente fora do sertão propriamente dito.” (2010/1964, 5) Definia-se assim, cariri tanto por seu território como por seus primeiros moradores, “habitantes primitivos, os índio cariris, originário de “um lago encantado” conforme eles diziam” (PINHEIRO, *idem*, 8). Narradores que se encarregaram de formular e reunir mitos de origens para assim, construir densidade histórica e memorável para o espaço, que apesar disso, nem mesmo para estes historiadores era fácil definir, uma vez que mais do que limites territoriais, suas fronteiras pareciam e, sobretudo hoje ainda parecem, estarem sempre em movimento, desafio que o próprio Irineu Pinheiro ressaltava na primeira metade do século XX, pois segundo ele, “é assim que o povo caririense entende a região em que mora, sem dar-lhe limites exatos de rios relevos geográficos, etc.” (*idem*).

O século XX foi particularmente um momento profícuo nessas construções discursivas. A efervescência de acontecimentos como a emancipação de Juazeiro, sua posterior sedição, o caldeirão, afirmação religiosa de Pe. Cícero impulsionador do fenômeno das romarias, assim como, projetos intelectuais e culturais como a criação do ICC, Instituto Cultural do Cariri, festivais de canções na cidade do Crato nos anos de 1970, dentre várias outras manifestações, estruturaram um conjunto de visões e modelos que elaboraram significados e sentidos muito próprios para a região. Na há como negar que pensar uma ideia de Cariri contemporâneo é levar em consideração mudanças, deslizamentos, conformações e diferenças nesses projetos que ao longo do último século ajudaram a inventá-lo.

Mas não é intenção desse artigo aventurar-se em uma tarefa de síntese, pelo contrário, pois se os eminentes cronistas tentaram construir da dispersão de significados uma ideia unificadora para o Cariri, aqui, procuraremos partir do ponto inverso. Nosso foco será compreender apropriações e elaborações de narrativas diversas sobre esse espaço na contemporaneidade, destacando ainda, que projetos de Cariri são formulados por seus novos narradores. Assim, interessar-nos-á a dispersão de sentidos na elaboração desses vários cariris, buscando compreender como estes atores contemporâneos recontam esse espaço a partir de apropriações de sentidos que articulam antigos e novos paradigmas.

Falamos dessa maneira em repertórios culturais que circulam, se modificam e criam a novidade sem perder totalmente antigos elementos de construção. Enfatizaremos assim “processos sociais de produção, circulação e consumo da significação da vida social” (CANCLINE, 2007, 41) entendendo a própria memória como um dos produtos de transformação e reinvenção desse lugar, assim,

Ao propormos estudar o cultural, abarcamos o conjunto de processos através dos quais dois ou mais grupo representam e intuem imaginariamente o social, concebem e gerem as relações com outros, ou seja, as diferenças, ordenam sua dispersão e sua incomensurabilidade mediante uma delimitação que flutua entre a ordem e torna possível o funcionamento da sociedade, as zonas de disputas (local e global) e os atores que a abrem para o possível (*idem*, 49).

Analisaremos, portanto, as definições desse lugar como espaço de reinvenção cotidiana de seus processos culturais. Compreendendo não apenas um, mas vários cariris construídos por narradores que o afirmam como espaço simbólico de significações, aspectos que elaboram a face multifacetária desse espaço no tempo presente. Para fazê-lo necessariamente buscaremos vislumbrar os processos de recepção e mediação desses discursos nas vozes de seus atores, entendendo como o cariri aprendeu/tornou-se intercultural e aqui se configura nossa primeira hipótese, a própria dimensão intercultural do lugar serviu para fazê-lo espaço vivo de construções, como chama atenção novamente Cancline:

Ao prestar atenção nos deslocamentos de função e significado dos objetos, no trânsito de uma cultura para outra, chegamos à necessidade de contar com uma definição sociosemiótica de cultura, que abarque o processo de produção, circulação e consumo de significação na vida social. (2007, 43)

Definições e conceitos em que transitam entre falas de outros tempos e as reelaborações de um presente marcado por trocas culturais entre sujeitos que transitam para além das fronteiras territoriais. Porém, apresenta-se aqui, outro desafio: refletir sobre como estes paradigmas discursivos se perpetuaram e se transformaram à luz das novas demandas do tempo presente no qual se tornam evidentes os percursos da interculturalidade, globalização e relações de força que extrapolam o jogo das relações materiais, mas ao mesmo tempo se vinculam a elas de alguma maneira. Tarefa nada fácil, todavia, somente correndo o risco de enfrentá-la conseguiremos pensar as relações entre espaço, história e memória a partir das configurações de processos culturais presentes nesse local.

Por isso iniciamos nosso texto com a fala de um de seus narradores contemporâneos mais conhecidos, o cineasta e escritor Rosemberg Cariry. Poderíamos ter começado por outro nome, por outra “estrela anônima” que compõe este lugar de múltiplas vozes, mas Rosenberg apresenta-se nessa constelação como o sujeito no limite entre si próprio e o lugar, físico, simbólico e memorável de onde fala. Narra-se e se nomeia como Cariri como se fosse ele também o espaço humano e afetivo no qual se misturam lembranças e identidades diversas, “o nome pelo o qual eu me anuncio ao mundo: Cariri”.

É muito pobre a definição do Cariri apenas como um espaço geográfico. O Cariri, antes, tratasse de uma nação de mestiços Tapuia que têm em comum a mesma formação histórica e cultural. Mesmo se levarmos em conta apenas o espaço geográfico onde os Cariris habitaram e deixaram a sua marca na cultura popular teremos que considerar ainda os sertões do Piauí, da Bahia, de Alagoas, de Sergipe e do Rio Grande do Norte. Os sertões desses estados formam o território físico e cultural da grande Nação Cariri. (ROSEMBERG CARIRY – diário do nordeste, 31 de Nov. de 2008)

Suas referências colocam em relevo os modelos modernos de explicação que inventaram o próprio Brasil e sua “gente” como as teses de miscigenação sociocultural ao longo de séculos. Ao falar em uma “Nação Cariri”, menciona Sérgio Buarque de Holanda, em “As Visões do Paraíso” assim como Roberto Gambini em “Espelho índio – a formação da alma brasileira” intenta repetir argumentos similares para esse lugar. Cariri como “chão sagrado” que aparentemente se perpetua numa configuração temporal linear que vai desde as “pregações do padre Ibiapina e de Antônio Conselheiro, do milagre da beata Maria de Araújo e da fama do padre Cícero” até os dias atuais. Uma visão romântica de natureza e cultura para qual, parece ainda querer subsistir um repertório idealizado e cuja intenção de permanência pretende fundar uma dada identidade, o ser caririense. Assim num primeiro plano dessas narrativas deparamo-nos com a evocação de um passado presente.

Todavia, a partir do mesmo narrador, podemos compreender como estas delimitações se subvertem em zonas de tensão na construção dessas imagens como no poema *Estrangeiro*, de 1999. Todavia, mesmo ao reafirmar uma identidade possivelmente presa às antigas narrativas, o caririense é também o sujeito em trânsito, atingido pelas próprias demandas de seu tempo posto que se afirma também como estrangeiro:

Sou estrangeiro como o homem
Que, atravessando o espelho,
Encontrou-se no país das sombras
E na densa floresta se esqueceu
De que forma brilhava a sua luz.

Sou aquele que, ao voltar,
Entrou na própria casa
E descobriu que a casa não era sua;
Não mais conseguiu reconhecer
os livros, os discos, as fotografias
dos amigos e não mais falou o idioma
do novo mundo que inventou.
(ROSEMBERG CARIRY, 1999)

Na fala do autor nos deparamos com uma relação de deslocamentos na compreensão espaço e tempo. Uma relação intensiva que coloca em evidência maneiras distintas de como o próprio sujeito se situa no mundo entre trânsitos de informações, culturas e produtos. Assim, embora procure agregar uma identidade fixada a partir de um

lugar de origem, se vê também como estranho/estrangeiro no próprio mundo que ajudou a elaborar. Aspectos influenciados sem dúvida pelas próprias demandas de um tempo no qual a velocidade dos meios transportes, meios de comunicação e transito de pessoas desterritorializa conceitos e paradigma.

Cariri, Cariris – o lugar do plural

A partir das colocações acima, podemos dizer que algumas regiões parecem ser mais sensíveis às transformações e trânsito de povos e culturas, sobretudo, quando conseguem reunir uma grande variedade de repertórios culturais que se intercalam agregando várias formas de experiência. O cariri cearense parece se apresentar como um desses espaços que poderíamos chamar de “*entre-lugares*” conceito formulado por Home Bhabha (2007) para definir locais que conseguem operar na articulação de diferenças culturais e que “fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular e coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2007, 20).

O conceito de *entre-lugar* coloca-nos assim em oposição a uma compreensão de território fixo de fronteiras delimitadas. Pensar o *entre-lugar* é vislumbrar a diferença como pressuposto interpretativo para a reflexão do contemporâneo. Dessa forma, para voltarmos ao ponto inicial sobre a construção conceitual do cariri no século XX, devemos considerar que muito provavelmente este repertório tradicional de narrativas formulou apenas de maneira parcial os processos de identificação ali presentes, pois “ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidade culturais incomensuráveis” (idem, 21).

Entre os vários projetos de Cariri que se desenvolveram ao longo no século XX, de alguma maneira, estas dimensões estavam presentes. Em obras como *Efemérides do Cariri* e *O Cariri – seu descobrimento, povoamento, costumes* ambas de Irineu Pinheiro pode se perceber a importância que assume as definições de espaço, ocupação e transformação do território. Formulações que influenciaram de maneira significativa a produção de outras gerações de intelectuais, artistas e pensadores que se seguiram.

Exemplos não faltam, como o grupo de intelectuais da cidade do Crato que levou a cabo um projeto para a defesa e divulgação de uma identidade para a região através da criação do ICC (Instituto Cultural do Cariri) em 1955⁴. Sob esse aspecto, Silva (2011), ao analisar a criação da revista Itaytera do referido Instituto afirma que:

Antes mesmo de sua materialização, portanto, a revista pré-figurava como importante mecanismo no programa do ICC para a consolidação de seus objetivos concernentes “a valorização do cariri”. Nesse sentido, não apenas seus sócios e colaboradores eram filhos da região como os assuntos tratados se relacionavam diretamente aos propósitos que nortearam a criação do Instituto, o “estudo das ciências, letras e artes em geral, e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri” (SILVA, 2011).

Grupos que, ligados às elites tradicionais da cidade, elaboram um importante capital simbólico que serviu não apenas para construção de uma ideia unificadora de cariri, mas, sobretudo, como mecanismo de força nas disputas de poder local. Nos anos 70 a problemática retorna com força através de movimentos de contracultura que emergiram a partir de jovens que ao mesmo tempo em que procuravam instaurar a novidade no cenário artístico local de alguma maneira repetiam o desejo que encontrar aqui, uma identidade agregadora, mesmo que partindo da crítica de uma cultura de elite, em contraposição a movimentos de recusa desses modelos. Segundo Marques (2008, 193):

Essa geração de jovens artistas, da qual participaram pessoas como Rosemberg Cariry, Abdoral Jamaru, João do Crato, Luiz Carlos Salatiel, entre outros, era formada por jovens entre 16 e 28 anos, comprometidos com as mais diversas formas de expressão artística: teatro, cinema, literatura, artes plásticas, música etc. Durante duas décadas suas produções marcaram de forma contundente a região, tanto por eventos periódicos, como a realização de 11 festivais da canção, lançamento de jornais ou revistas, organização de salões de mostra de expressões artísticas locais ou não, como pela realização de

4 Sobre projetos intelectuais sobre o Cariri, como a construção da ideia do Crato como centro cultural da região e o processo de formação do ICC Cf. as dissertações de mestrado de CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”*: Crato (1889-1960). Rio de Janeiro, 2000. UFRJ. Dissertação de Mestrado e VIANA, José Ítalo Bezerra. *O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: Memória, escrita da história e representações da cidade*. Dissertação de Mestrado, Fortaleza/UFC. 2011.

shows, publicação de escritos, filmes etc. Em toda essa produção estaria presente a intenção de romper com a estética, canais e conteúdo das formas tradicionais de expressão artística local, confrontando-se, sobretudo, com uma geração anterior de intelectuais da década de 1950, reunidos em torno de instituições locais como o Instituto Cultural do Cariri (ICC) e Sociedade de Cultura Artística do Cariri (SCAC).

Assim, ao longo do século XX assistiu-se a um processo intenso de luta nas definições desse espaço, na elaboração de uma ideia de Cariri para o caririense mas, também, para o estrangeiro, o outro. Um processo de monumentalização que o construiu com patrimônio identitário para várias gerações, até mesmo para aquelas vindas de outros territórios. Para Stuart Hall, “esse processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável” (2006, 12), todavia, essas características que desarticulam uma estabilidade, possibilitam “a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos” (idem, 18). Esses sujeitos contemporâneos, frutos dessa “desestabilidade”, conseguem absorver os antigos paradigmas culturais, os adaptando e atendendo às exigências de seu próprio tempo. Tais apropriações sugerem novas formas de visualizações e interstícios culturais, percebemos que a ideia de territórios como “culturalmente tradicionais e intocados [...] é uma fantasia ocidental sobre a ‘alteridade’: uma ‘fantasia colonial’ sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como ‘puros’ e de seus lugares exóticos apenas como ‘intocados’”. (HALL, 2006, 80)

Como nos chama atenção Durval Muniz (2008, 129), essa é “uma realidade e múltiplas vidas, história, práticas e costumes” assim, nossa porta de entrada para esse território imaginado e vivenciado se dará exatamente pelas vozes e textos de seus narradores. Como nossa proposta é problematizar algumas das maneiras de produção de sentidos sobre esse contemporâneo, assim, detemo-nos às novas formas de apresentação dessas narrativas, as quais destacamos especialmente aquelas produzidas no espaço virtual através de textos distribuídos em alguns blogs.

Um levantamento inicial nos colocou diante de um número bastante significativo de páginas e sites que se propõem a abordar o Cariri⁵ como tema de suas discussões. Seja discutindo política, cultura ou religiosidade os sites têm em comum uma caracterização definida a partir do espaço social e culturalmente constituído como Cariri. Nesse sentido podemos dizer que o lugar físico se constrói como referente idealizado no mundo virtual o que acaba por alargar ilimitadamente suas fronteiras para além de sua localização geográfica, assim falamos de um Cariri que é também espaço virtual, cujas narrativas se diluem e se difundem agregando demandas e problemas muito próprios desse tempo.

Para compreender esse “Cariri contemporâneo”, precisamos ter em vista os deslizamentos, fluxos e variações constantes de grupos humanos nesse espaço e, sobretudo, formas discursivas que são divulgadas muito além do próprio território. Há uma grande convergência de artistas, intelectuais de todo o Brasil que visitam o Cariri. Partindo de olhares e vivências multifacetadas, esses grupos expressam e mediam uma pluralidade que reinventa cotidianamente esse espaço e as narrativas que tradicionalmente o regem. Por outro lado, evidencia-se uma espécie de multiculturalismo sempre evocado como maneira de administrar diversidade e diferença. Vejamos:

O Cariri é um misto de confluências de cores e cultos, reduto de engenharia artística em que as engrenagens são movidas pelos fazeres e pensares populares e contemporâneos. No Cariri a máquina humana bebe do passado e do futuro para alimentar a alma presente. Aqui é terra firme aonde pousam o soldadinho da chapada e os pássaros mecânicos, em que em que a tecnologia de ponta convive com o ferro de passar a carvão. O Cariri perpassa caminhos do autoflagelo marcado pelo catolicismo popular e das profanas músicas da indústria do embrutecimento cultural.” (ALEXANDRE LUCAS, 5 de dezembro de 2009 - Blog Kariri)

O trecho acima, escrito pelo artista/educador Alexandre Lucas é o que podemos definir como uma narrativa contemporânea desse espaço. Aí são evocadas manifestações populares, a natureza representada como a “terra firme” em que pousa não apenas o Soldadinho do Araripe, ave típica da região, mas também a tecnologia e o autoflagelo. Todavia, embora o texto seja uma reunião de várias referências que constroem as faces desse lugar percebemos que o Cariri é descrito como a “máquina humana” e ainda que seja multi, é narrado como substantivo agregador, posto que, é nele que todos os elementos se reúnem, assim o problema colocado para compreensão desse espaço “não é só uma resignificação e refuncionalização do tradicional a partir do moderno; é a realocação das culturas antigas na complexa trama da interculturalidade contemporânea” (Canlini, 2007,50) A preocupação

⁵ No total o projeto mapeou mais de 30 espaços dedicados ao cariri cearense. São páginas de fotografia, notícias, sites para divulgação de textos pessoais sobre a região, grupos políticos e etc.

em construir uma unidade em meio a dispersão é uma característica de uma época marcada por uma recorrente quebra de paradigmas. Todavia, cabe-nos questionar até que ponto essa chave explicativa é satisfatória quando nos referimos a uma demanda tão diversa.

Muitos dos aspectos apresentados acima estão presentes em outros blogs analisados durante a pesquisa. Destarte é possível identificar como eles recebem, reapropriam e dão novas significações ao seu espaço, a partir de conceitos historicamente definidos, assim podemos citar: “Blog Tudofel”, “Blog do Coletivo Café com Gelo” e “Blog Kariri”, dentre outros. Estes espaços articulam paradigmas, lançando olhares diversos sobre a região, além de propiciar a “circulação de bens e mensagens, mudanças de significado, [...] de um grupo para vários”. (CANCLINI, 2007, 42)

“Tudofel”, blog de Carlos Rafael Dias é um exemplo das apropriações desses discursos. Historiador, professor universitário, músico e compositor Carlos Rafael foi um dos nomes importantes nos movimentos culturais nos anos 80 na região. Atuando em grupos musicais, compartilhou junto com outros de sua geração de um momento bastante significativo de intervenção cultural a artística.

No início dos anos 80, a geração da década anterior andava meio dispersa. Muitos tinham migrado para outros cantos do país. Os que aqui ficaram estavam isolados. Havia um vácuo que foi preenchido por uma nova geração. Por volta de 1982, foi formado o Grupo Mutart (Mutação na Arte) que depois virou o GIA (Grupo ImprovisAção), da qual eu fazia parte, ao lado de Rogério Proença, Wilson Bernardo, Amadeu de Freitas, Edelson Diniz, Paulo Fuiska, Orleina Moura, Rosy Bezerra, Vanda Ponte, Lalac e João Neto (hoje bastante conhecido como humorista, mas que na época era mímico). Fizemos mostras de poesia, teatro e editamos boletins.  ramos fortemente influenciados pela poesia marginal que fez parte do boom cultural dos anos 70, no sul do país, cujos expoentes foram Chacal, Cacaso, Paulo Leminski e os grupos Navilouca e Asdrúbal Trouxe o Trombone. (DIAS, 11/08/2012)

Logo na apresenta o da página, o blogueiro a define como “diário off-road de um poeta do sertão”, com esse cartão de visita nos leva a supor que aquele   um lugar em que ele deposita suas lembranças, poemas, expectativas e até sentimentos mais subjetivos. Assim, podemos percebê-lo também como o narrador que nos levará nessa viagem por esse “sertão virtual”. Ao longo dos textos, notamos um acentuado sentimento de identifica o com o lugar onde nasceu e cresceu, o Cariri. Seus relatos perpassam a infância, adolescência, em que cresceu deslumbrado com a exuberância da sua terra até sua maturidade. Percebemos com suas narrativas a rela o entre ele (o homem) e o sua terra (o Cariri), a admira o em meio   beleza natural da Chapada do Araripe e o que ela representou durante sua vida. No texto com o título “Enterrem meu cora o no sopé da Chapada”, reconta sua infância e para ele:

A chapada era uma espécie de lugar das utopias, de área preservada [...] e, hoje, alimenta nossos sonhos com a seiva mágica de seu caule, tornando-nos, caririense ou caririzeiros que somos, também araripenses e eternamente condenados a viver com a imagem da guardiã Chapada dos nossos olhos, cora o espírito e mente. Somos dádivas da Chapada e, por isso, chapados por natureza. (CARLOS RAFAEL DIAS, 12 de junho de 2013 – Blog Tudofel).

Sua narrativa   repleta de referências afetivas ao lugar e, desde o título, no qual faz uma livre alusão ao livro “*Enterrem meu cora o na curva do rio*”- o qual retrata da história dos índios americanos e sua rela o com o lugar em que viviam – evidencia a luta e a constru o de uma identidade/identifica o intimamente atrelada   ideia de um local. Nesse caso, há nítida associa o de elementos do discurso historicamente construído sobre o Cariri, o lugar “encantado” das lendas, mitos, mas ao mesmo tempo, espaço de força marcado por lutas e a pujança da natureza. Podemos perceber também que a escolha desse título faz referência aos primeiros habitantes da chapada e dos quais ele herdou esse “vale encantado”, os índios cariris. Irineu Pinheiro em seu livro *O Cariri*, para falar sobre as paisagens caririenses diz que, “sua vegeta o sempre verde e suas águas perenes contrastam singularmente com os sertões semi-áridos que o circundam”.

O autor faz assim o papel do narrador que, segundo Benjamin (1996)   o sujeito capaz de intercambiar experiências.   através dele e suas experiências que são comunicados processos culturais, memórias, aoes simbólicas sobre o mundo. O ouvir e o contar são assim, faculdades fundamentais para intera o do sujeito no espaço e no tempo em que atua, assim como, no contato com outros grupos sociais. A faculdade narrativa proporcionaria deste modo, a possibilidade de formula o e reformula o de identidades, na verdade, podemos falar em processos de identifica o, assim:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida na vida do narrador, para em seguida, retirá-la dele. (BENJAMIN, 1996, 204)

Durante décadas, o cariri cearense foi apresentado ao restante do país por uma chave de formulação que teve como centro três aspectos fundamentais: a cultura, a religiosidade e a política. A partir dessa tríade formulou-se um conjunto de narrativas que construíram “a identidade” do Cariri fixada, por sua vez, em produtos culturais diversos distribuídos como signos de identificação: a poesia de Patativa, os chinelos de couro de Expedito Seleiro, as romarias do Padre Cícero, os grupos culturais e penitentes diversos, festas, e etc.

Atualmente existe uma grande variedade de grupos e “coletivos” que têm como foco problematizar as construções do lugar a partir de experiências que articulam aspectos políticos e culturais tanto por pessoas da própria região, como pelo intercâmbio de estrangeiros que escolhem e também interferem nas definições desse espaço. Filmes amadores, blogs, fotografias são alguns desses recursos que inventam novas formas de identificação.

Não por acaso os constantes hibridismos, os experimentos musicais e fotográficos que por sua vez desencadeiam novas leituras e interpretações tanto sobre grupos, como sobre comportamentos. Esses novos inventores do Cariri compartilham entre si seus repertórios, que muitas vezes divergem por completo, criando assim não só um, mas vários cariris que coabitam o mesmo local, marcado por suas trocas culturais. Segundo Homi Bhabha (2007, 29), “é o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da experiência”.

Os entrecruzamentos humanos e hibridismos culturais, que acontecem com a interação de sujeitos de culturas e sociedades diferentes, são conceituados pelo antropólogo García Canclini como *comunicação intercultural*, entendida:

Como relações interpessoais entre membros de uma mesma sociedade ou de culturas diferentes, e, depois, abrangendo também as comunicações entre sociedades distintas, facilitadas pelos meios de comunicação de massas (2007, 24).

Percebemos, portanto, que essa interação entre culturas no tempo presente é facilitada também pelos meios de comunicação em massa, que interligam pessoas a quilômetros de distância, desmanchando as fronteiras físicas que poderiam ser um entrave à sua comunicação e possibilitando um diálogo entre eles. Dessa forma, podem operar ideias uns dos outros ou fomentar debates dissonantes, o que acaba influenciado e movimentando conceitos a partir do que é divulgado. Nestes movimentos, comunicam-se significados, que são recebidos, reprocessados e recodificados. Também precisamos relacionar a análise intercultural com as relações de poder para identificar aqueles que dispõem de maior força para modificar a significação dos objetos (CANCLINI, 2007, 42-43).

Os elementos apresentados nesse artigo ainda se encontram em fase inicial de elaboração, todavia, já apontam para uma rica possibilidade de investigação na medida em que propõem avaliar manifestações e discursos muito próprios do nosso tempo vinculados às novas mídias. Numa primeira abordagem, ao nos depararmos com uma quantidade bastante rica e significativa de narrativas sobre o Cariri, podemos conjecturar que estamos caminhando para a construção de novos referenciais espaciais e temporais que hibridizam representações tradicionais e contemporâneas num jogo bastante complexo de configurações. Assim, o Cariri narrado no universo virtual é também um espaço de experiência rico e complexo, reatualizado seus mitos, ao mesmo tempo em que constrói e inaugura outros. Imagens, textos, músicas se mesclam numa polifonia densa de representações que alargam as fronteiras deste espaço para além de sua configuração geográfica.

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife FJN, Ed. Massagana, São Paulo: Cortez, 1999.

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza – Crato (1859)**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro, 2006

MARQUES, Roberto. **O Cariri do forró eletrônico: festa, gênero e criação**. Anais do XI CONLAB, Salvador, 2011.

_____. **Seja moderno, seja marginal: engenhos e artimanhas da contracultura no Cariri**. Rev. Sociedade e Cultura, v. 11, n. 2, jul/dez. 2008. P. 191 a 198.

MENESES, Sônia. Os vendedores de passados: a escrita da história como produto da mídia. **volume 14 • 2º semestre de 2010 • p. 70-90 ISSN: 1517-4689 (versão impressa) • 1983-1463 (versão eletrônica)**.

_____. **As Faces de Hécate: formas narrativas na produção do acontecimento**. Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1 pp. 53 - 69 jan./jun. 2009.

_____. **“PASSAGEIROS ENTRE PALAVRAS FUGAZES”: pensar o tempo presente entre a mídia, a memória e a história**. Rev. História do Tempo Presente. V 01. 2009.

NOBRE, Edianne dos Santos. **O teatro de Deus - As beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro**. 1. ed. IMEPH: Fortaleza, 2011.

SEEMANN, Jörn. **O espaço da memória e a memória do espaço: Algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas**. Rev. da Casa de Geografia de Sobral, Sobral, v. 4/5, p. 43-53, 2002/2003.

SILVA, Jane Dorarovele Semeão e. **Revista “Itaytera”, natureza e cariri cearense: a (re)invenção de uma identidade. (1955-1980)**. São Paulo, anais da ANPUH/2011.

Sites consultados:

Blog Kariri: <http://blogkariri.blogspot.com.br/>

Coletivo Café com Gelo: <http://www.coletivocafecomgelo.com/>

TudoFel: <http://tudofel.blogspot.com.br>

Recebido: 20/07/2014

Aceito: 24/07/2014